

# **MOCHILAS**





## MOCHILAS

Me recordo de quando ainda uma criança, nos primeiros acessos ao campo da biologia, estudarmos sobre as classificações das relações inter-espécies, na qual me marcou muito a imagem que vinha acompanhada da relação classificada como mutualismo, onde a troca estabelecida entre as espécies não afetava negativamente a outra. A imagem era do Paguro ou Bernardo Eremita, crustáceo que manipula em sua pinça as matérias e utiliza de carapaças vazias de animais ou outras estruturas, para fazer sua morada-nômade. Sua prática de reaproveitamento reverbera toda uma ética de manipulações e modulações das e nas matérias e forças do mundo. Como nos casos de quando esses animais se deparam com objetos humanos despejados em seu habitat e criam morada em latas e garrafas, é todo um gesto de denúncia que realizam ao apontar os movimentos do mundo, inclusive a violência da interferência humana no planeta. Operam sua vitalidade com os movimentos cosmos e operam uma dobra nas forças do mundo para criar seu território de existência. (Trecho do caderno do artista)

Em Deleuze e Guattari a dimensão territorial e a operação criativa sempre estiveram imbricadas, numa dança onde se proliferam uma na outra, uma sobre a outra, redistribuindo suas composições, operando no que eles denominavam território existencial. Uma elaboração movente, efêmera que sempre apresenta sua consistência e fluxo num sentido vital. Esse encontro das forças do mundo com um manejo territorial de existência, funda o que David Lapoujade vêm apontando e aproximando com o que os gregos denominavam **COSMÉTICA**. De modo



que, é uma certa qualidade de composição das e com as forças do cosmos, em suas operações técnicas heterogêneas que operariam uma certa consistência ética. Tal movimento de criação do e no cosmos, opera com fluxos vitais que ultrapassam a dimensão humana pretenciosa do antropoceno no que se refere a criação e arte dentro de um quadro autônomo. De modo que aquelas singularidades “artistas”, que criam e fazem rodar certa consistência compositiva no mundo, operam para além da “Instituição da Arte”, estariam mais próximos, segundo Deleuze e Guattari, de uma **ARTESANIA CÓSMICA** (1997, pg.183).

Já trabalhando a algum tempo com o papelão como material construtivo por suas qualidades plásticas, visuais e principalmente pela sua disponibilidade em grande oferta, enquanto resíduo de descarte. E elaborando técnicas para a sua transmutação em material construtivo. Buscando nessas potências do material a capacidade de acoplamento em uma máquina corpórea que pudesse, se apropriando dessas qualidades, desenvolver visualidades e estruturas, capazes de criar situações e interferências em grande escala. Pode perceber-se, que sua cor homogênea apresenta uma elegância minimalista que quando deslocada para um contexto compositivo opera uma alquimia semiótica no que é compreendido enquanto lixo. Nestas experimentações de estruturas e dispositivos utilizando o papelão como principal material construtivo de outros trabalhos, foi se surgindo a necessidade de transporte destes mesmo objetos para os locais onde as ações de intervenção seriam realizados. Por seu engajamento pessoal e performático com a bicicleta e as práticas de deambulação urbana, na qual as ações de intervenção eram realizadas, surgiu uma demanda de mochilas e cestos acoplados ao corpo e a bicicleta para o transporte desses objetos. Operando para que fosse



desenvolvido todo um design experimental a partir da necessidade de cada trabalho. Para tal, o papelão que já vinha permeando as experimentações artísticas se tornou material principal para o desenvolvimento destas mochilas de transporte. Durante este período de elaboração de mochilas de transporte, foi se desenvolvendo um refinamento técnico, no que se trata da estruturação do objeto, do affordance e da elaboração visual das peças. Foi também durante as ações de intervenção, na qual se deslocava pela cidade com estas mochilas que se percebeu o seu potencial performático. Operando em uma linha ligada ao vestuário, que deslocava certo consenso higienista e operava certa linha de elegância por meio dos atributos da cor e do design, que redistribuem o processo de valoração e funcionalidade do papelão enquanto material, como também toda uma cadeia abstrata que estabelece as dinâmicas de valor e celebração, como a inversão, a marginalização e o descartes dos corpos e das matérias. Desde o ano de 2014 o performance vem produzindo e circulando com suas mochilas e bolsas de papelão por onde vai, um uso diário e uma produção a partir da necessidade de renovação pelo desgaste do uso ou pela demanda de uma carga em específica. Operando nessa relação íntima entre trabalho e vida, na qual se confundem os processos de produção e os próprios movimentos de vida do artista. Todo um fluxo ligado ao que podemos conceituar como processos de territorialidade, segundo Deleuze e Guattari (1997). Onde é toda sua escala, alcance, engajamento é compreendida nos processos de composições entre as forças do cosmos e as elaborações singulares. Um movimento vital, onde é toda uma ecologia composta em seu amplo sentido. Suas dinâmicas políticas, subjetivas, ambientais, simbólicas e etc...